

**Judith Butler, um pós-estruturalismo hegeliano e um sujeito freudo-foucaultiano.  
Expandindo teorias.**

**Danilo de Assis Clímaco**

Pesquisador do Núcleo de Pesquisas *Margens* (Modos de Vida, Família e Relações de Gênero), UFSC.

Email: [danioclimaco@yahoo.com.br](mailto:danioclimaco@yahoo.com.br)

**Resumo:**

A filósofa Judith Butler é hoje em dia a cabeça mais visível de um momento extremamente produtivo e autocrítico da teoria feminista. Suas reflexões não apenas conseguiram uma repercussão nunca antes vista dentro do feminismo – impressiona, por exemplo, o fato de que praticamente todos os seus livros estejam já publicados em países como Itália, França, Espanha e Alemanha, sempre tão reticentes à academia estadunidense – mas também chegou a levantar discussões importantes entre teóricos e teóricas não feministas nas mais diferentes áreas das ciências humanas. Neste trabalho, tentaremos mostrar como sua concepção do sujeito é marcada por belas e hegelianas reflexões sobre o reconhecimento, embora tome forma a partir de um debate entre psicanálise e a teoria foucaultiana.

Butler, nascida em 1958, começa seus estudos de filosofia a finais dos anos setenta, concluindo seu doutorado em 1987, tendo realizado uma análise da recepção de duas gerações de filósofos franceses do século XX à obra de Hegel, a primeira, formada por Kojeve, Hyppolite e Sartre, e a segunda por Lacan, Foucault, Deleuze e Derrida. Esta tese, publicada no mesmo ano de sua defesa, trazia já o fundo dos debates que ela promoverá na área de gênero: por trás do pós-estruturalismo e da psicanálise lacaniana com a qual ela sempre debate e se debate, há uma preocupação lancinante pelo reconhecimento que é fruto de um hegelianismo apaixonado.

E é por este hegelianismo que devemos, ou deveríamos começar, sempre que falamos em Judith Butler. Já desde seu primeiro livro sobre gênero, “Problemas de Gênero”, lançado em 1990, sua fama correu como pólvora, graças à junção tão provocadora entre a teoria psicanalista do inconsciente e a do poder foucaultiana (sobre a qual voltaremos mais abaixo), assim como à teoria da performatividade de gênero (quase sempre confundida como performance teatral e sobre a qual, infelizmente, não nos poderemos referir aqui). No entanto, suas preocupações pelo desejo por reconhecimento, e pela impossibilidade de que este seja alcançado por algumas pessoas devido à sua condição dentro das relações de gênero, passaram despercebidas frequentemente e mais ainda o seu relacionamento com a teoria hegeliana.

Para Judith Butler, aquelas pessoas situadas “às margens do gênero”, como podem ser as hoje consideradas travestis, transgêneros (ou transexuais) e as intersex (como hoje se auto-denominam os grupos de pessoas antes denominadas hermafroditas) têm seu desejo por reconhecimento restringido de uma maneira tal que suas vidas correm o risco de se transformarem em “invivíveis”. Sua obra, desta forma, se mostra a serviço de uma “vida vivível” (conceito tal vez paradoxal, mas cunhado já pela obra platônica), o que requer a própria expansão da vida humana, ou do que é considerado como tal, de maneira a que outras pessoas possam ter o acesso a esta categoria. Assim, as pessoas “às margens do gênero” (esta é uma expressão da própria Butler) se encontram, para ela, fora da humanidade por serem privadas de reconhecimento: tidas como abjeto, como aquilo que ninguém dentro das normas do gênero poderia considerar com próximo, estas pessoas não têm um lugar discursivo na sociedade, não ocupam a fantasia de ninguém, ou pelo menos não aquela fantasia permitida, não-psicótica. São sujeitos que são colocados próximos à dissolução.

A expansão do humano através de um imaginário ampliado, de uma abertura a novas formas de ser não restritas a uma ordem binária, é dentro desta concepção filosófica ampla que devemos compreender a obra de Judith Butler e seus esforços teóricos – em uma linguagem mais pós-estruturalista e psicanalista que hegeliana – dentro dos estudos de gênero ou da teoria da “nova esquerda”. Dentro da nova esquerda porque seus últimos

escritos se dedicam, entre outros temas, ao racismo, às guerras do Afeganistão e do Iraque, ou ao massacre de palestinos pelos israelitas. A incapacidade do Ocidente de incluir em uma humanidade plena aos habitantes destes países ou às pessoas não-brancas é para ela uma questão ética fundamental.

Agora bem, se a fama de Butler se deu, como vimos anteriormente, devido à sua teoria da performatividade e à junção entre pressupostos psicanalíticos e foucaultianos, aqui apenas nos centraremos neste último aspecto, dado os limites deste resumo e ao fato de que queremos aqui destacar as possibilidades teóricas que sua obra abre, não apenas para o campo do gênero, mas para todas as áreas da humanidade e da psicologia social em particular.

Butler é consciente de que tanto Foucault como Lacan, assim como seus respectivos seguidores, não propuseram uma junção de ambas teorias, tendo muitas vezes ressaltado a impossibilidade mesma de uma tentativa semelhante. Mas Butler não sentia a capacidade – como o diz uma e outra vez – de renunciar nem a um referencial teórico nem ao outro. Para ela, a psicanálise e, em especial, sua teoria do inconsciente, é a melhor tentativa que até hoje se teve de pensar a sexualidade e de como nossa psique como um todo está marcada por ela. Ao mesmo tempo, ela está convencida de que a teoria do poder de Michel Foucault constitui a melhor forma que temos para compreender como as redes discursivas constituem e habilitam os sujeitos. No entanto, Michel Foucault se recusou a conceber o inconsciente, da mesma forma que a psicanálise parece projetar no inconsciente uma imutabilidade que Butler julga perigosa, pois foge às normas sociais e, por tanto, parecem designar uma suposta natureza humana. A necessidade, então, de conjugar ambas teorias era imperiosa; Butler considerou então que o inconsciente não poderia ter uma forma a-histórica ou a-social, mas que estava também sujeito às redes discursivas de poder que Foucault tentou delimitar tão paciente ao longo de sua obra. Esta reformulação butleriana da psicanálise e do foucaultianismo não são, como poderemos imaginar, unanimidades – menos ainda entre os adeptos/as de uma e outra teoria – no entanto, também é muito elogiada dentro do feminismo (como, por exemplo, por Gayatri Spivak ou Heleieth Saffioti) e também fora, como por exemplo, pelo foucaultiano Paul

Rabinow ou por Stuart Hall, um dos maiores entusiastas do freudo-foucaultianismo de Butler.

Agora bem, se o inconsciente é, assim, formado pelas redes discursivas, ele é também político ou, pelo menos, politizável. Desta forma, a impossibilidade que temos hoje em dia de aceitar a plena humanidade de algumas pessoas é também uma política restrita a um determinado período histórico, passível de ser revisto. Butler faz assim reaparecer através e reformulado pela teoria pós-estruturalista, um Hegel, tal vez já não imediatamente reconhecível, mas sem dúvida ainda forte e inspirador. Todo ato filosófico é um modificar-se e um renovar-se. Como nós mesmas/os.

**Eixo Temático:** Histórias, Teorias e Metodologias

**Artigo:**

La tradición hegeliana enlaza el deseo con el reconocimiento: afirma que el deseo es siempre un deseo de reconocimiento y que cualquiera de nosotros se constituye como ser social viable únicamente a través de la experiencia del reconocimiento. Dicha visión tiene su atractivo y su verdad, pero también descuida un par de puntos importantes (...) en ocasiones, los mismos términos que confieren la cualidad de “humano” a ciertos individuos son aquellos que privan a otros de la posibilidad de conseguir dicho estatus.

(Butler, *Introducción. Actuar acertadamente*, 2006: 14)

### **1. Uma breve introdução à obra de Judith Butler e ao contexto feminista norte-americano da década de 1980.**

Dado este trabalho ser apresentado a um público não necessariamente familiarizado com os estudos de gênero, faz-se necessária uma introdução tanto ao trabalho de Judith Butler

como ao contexto feminista no qual este surgiu, pois, se bem já exista no Brasil uma certa inserção de sua obra em diferentes âmbitos acadêmicos não feministas, esta ainda é limitada.

Judith Butler, filósofa estadunidense, é hoje em dia a estrela de um momento renovador e extremamente fértil da teoria feminista. Desde finais dos anos oitenta, seus escritos se difundiram velozmente pelos países anglo-saxões e chegaram à América Latina e também à academia européia, ganhando em países como Espanha, Alemanha, França ou Itália uma ressonância que poucas/os intelectuais norte-americanas/os alcançam. Seu reconhecimento é hoje dentro do feminismo comparável apenas ao de Simone de Beauvoir, mas sua obra não se restringe a este campo, incluindo também escritos políticos sobre racismo ou a política exterior dos Estados Unidos, além de obras estritamente filosóficas.

Nascida em 1958, Butler começa seus estudos em filosofia nos anos setenta, terminando seu doutorado em 1984, com uma tese sobre a recepção francesa de Hegel por parte da filosofia francesa do século XX. Em suas obras posteriores se fará cada vez mais visível sua dívida com os filósofos denominados pós-estruturalistas, especialmente Michel Foucault. No entanto, e como veremos, em toda sua obra haverá uma preocupação que ela mesma esclarece como hegeliana, com respeito à fragilidade constitutiva dos seres humanos, que devem buscar a justificação de sua própria existência em um reconhecimento que lhes é exterior.

Por outro lado, ao longo dos anos oitenta e na medida em que Butler configurava seus interesses filosóficos, o feminismo como um todo, mas principalmente nos EUA, vivia uma série de debates enriquecedores. Simplificando com o iminente perigo de empobrecer, poderíamos dizer que no cerne destes debates se encontrava a maneira mesma em que era compreendida a mulher como sujeito do feminismo. Era uma mulher branca, de camadas médias, heterossexual, etc, ficando de fora das reflexões e das políticas feministas aquelas vivências e experiências de “mulheres” que não se adequavam a estes padrões idealizados. O feminismo passou a ser considerado como um

espaço não apenas de resistência ou liberdade, mas também de reprodução de certas normas sociais de violência e opressão<sup>1</sup>.

Assim, quando em 1990, Butler lança seu primeiro livro propriamente feminista, *Gender Trouble*<sup>2</sup>, já havia um terreno fértil para a sua recepção. Dois eram os objetivos principais desta obra: contribuir para a crítica ao heterocentrismo dentro do feminismo e conceber uma vida digna de reconhecimento para aquelas pessoas que se encontram "às margens do gênero" (que, se bem se caracterizam justamente por uma certa impossibilidade de serem nomeadas, e a própria Butler evita fazê-lo, sabemos que ela se refere principalmente àquelas pessoas denominadas como drags queen, drags queer, travestis ou transexuais). A fama do livro deveu-se, principalmente, à sua proposta de compreensão do gênero como performativo (sobre a qual infelizmente não nos podemos deter aqui) e à sua ousada imbricação das teorias freudiana e foucaultiana. Neste texto, irei deter-me sobre este último aspecto, ressaltando, porém a preocupação anteriormente já apontada com respeito ao reconhecimento em Hegel, aspecto que foi esquecido por muitas das comentadoras de sua obra.

## 2. Hegel, desejo e reconhecimento.

In a sense, all my work remains within the orbit of a certain set of Hegelian questions: what is the relation between desire and recognition, and how is it that the constitution of the subject entails a radical and constitutive relation to alterity?

(Butler, *Preface to Subjects of Desire*, apud Salih, 2002)

---

<sup>1</sup> Butler referendaria sem problemas a definição de ser humano de Arendt: "aquilo que é sempre mais do que ser humano" (Apud Lyotard, 1993). Não há a possibilidade de uma categoria prévia que englobe a todos os seres humanos e nem sequer um determinado grupo. Assim, a própria categoria "mulher" não importa o quão amplamente seja definida, significará, de uma maneira ou outra, algum tipo de exclusão. Desta forma, Butler propõe, tanto a nível teórico como político, um "universalismo contingente" (1998) de maneira que cada categoria possa sempre receber novos significados, diminuindo-se, assim, a inevitável violência da exclusão.

<sup>2</sup> *Problemas de gênero*, seu único livro traduzido ao português.

A tese doutoral de Butler discutiu a recepção da obra de Hegel por parte de duas gerações de filósofos franceses, a primeira formada por Kojève, Hyppolite e Sartre, e a segunda por Lacan, Foucault, Deleuze e Derrida<sup>3</sup>. Se bem que estes autores reconheceram e se filiaram de alguma forma ao legado hegeliano, todos eles enfatizaram o momento de síntese no processo dialético levado a cabo pelo Espírito (*Geist*) como um momento de encontro consigo mesmo do idêntico, em uma espécie de profecia de auto-realização. No entanto, segundo Butler, não haveria uma síntese final no processo dialético hegeliano; pelo contrário, cada síntese traz em si a própria oposição, o que a leva a um novo processo dialético, o qual ameaça o espírito com sua própria dissolução. A antítese, se bem inerente à síntese, lhe é essencialmente exterior e ameaça constantemente o processo de auto-reconhecimento próprio do espírito, com o qual este se encontra sempre em uma situação limite. Desta maneira, Butler coloca a preocupação filosófica hegeliana dentro do momento filosófico atual, que privilegia a diferença e a abertura à identidade ou à unidade.

Mas, para além de sua atualidade filosófica, o que claramente (co)move Butler dentro do hegelianismo é sua compreensão da dialética do Espírito como uma dialética do desejo por reconhecimento, um desejo que é apenas satisfeito (de maneira insuficiente e momentânea) através da incorporação de um reconhecimento por parte de outrem, o que implica que a razão que cada um de nós seres humano podemos dar à nossa própria existência não nos pertence: somos dependentes de algo que nos é exterior. Nossa existência não basta por si só, e é aí que reside nossa fragilidade. E isto se torna grave na medida em que o reconhecimento é regulado por normas sociais que permitem o reconhecimento de “humanidade” a alguns indivíduos impedindo outros de adquiri-lo.

Assim, quando Butler afirma: “Meu trabalho sempre teve como finalidade expandir e realçar um campo de possibilidades para a vida corpórea” (apud PRINS & MEIJER, 2002), devemos tomar a frase em sua literalidade, pois a preocupação que parece ser a mais íntima em sua filosofia é relativa àquela vida que se debate no limite da existência

---

<sup>3</sup> Ver a análise de Salih (2002) sobre a tese doutoral de Butler.

social ou mesmo real, àqueles corpos que se encontram no limite do que é considerado humano, a um fio de possibilidade de suportar uma “vida vivível” (2006: 15) ou uma “vida habitável” (ibid.: 29). Seu trabalho toma, então, matizes tão graves quanto emotivos, ao abordar temas extremos como podem ser o das mortes de afegãs/ãos, iraquianos/as ou palestinas/os que não recebem nos Estados Unidos a possibilidade de encarnar luto (2006b) ou o da mobilização dos intersexos pelo fim das cirurgias ‘corretivas’ de neotanos com anatomias sexualmente indeterminadas, com o argumento de que estas significam mutilações genitais não consentidas (2006a).

### **3. A psicanálise e alguns de seus limites.**

Puede mostrarse – y el propio Freud lo dice – que la oposición entre el principio de realidad y el principio del placer es una ficción teórica. (...)

(Desconfío) de las grandes entidades (yo, ello, superyó, etc.), pero también de las grandes “oposiciones” conceptuales que siguieron a las de Freud, como por ejemplo lo real, lo imaginario y lo simbólico (...)

En lo sucesivo se necesitan otras “ficciones teóricas”. No se trata de una respuesta relativista u oportunista de mi parte. Por el contrario, es una preocupación de verdad científica y una lección extraída de la historia de las ciencias, de la vida o el progreso de las comunidades científicas, que son también comunidades “productivas”, “performativas”, interpretativas.

(Derrida, *Elogio del psicoanálisis*, in Derrida & Roudinesco, 2003: 189-190)

A citação de Derrida expressa perfeitamente a relação de Butler não apenas com a psicanálise, mas também com os outros autores com os quais ela trabalha. Como desenvolve Derrida no texto citado, cada autor opta por uma determinada terminologia por esta parecer-lhe mais apropriada no momento em que suas idéias são desenvolvidas, não havendo um motivo para que seus futuros leitores ou mesmo discípulos a mantenham. Pelo contrário, a utilização de uma determinada teoria requer com frequência uma torção – uma “fidelidade infiel” (ibid.: 9-28) –, sem a qual sua validade se extinguiria.

Isso é de fácil compreensão se pensamos a obra de Freud: seria praticamente exterminar o poder explicativo da psicanálise se nos dias de hoje déssemos a termos como “pênis” ou “feminilidade” o mesmo sentido que os atribuía Freud.

No entanto, a terminologia lacaniana guarda hoje um poder explicativo superior à de Freud, e Butler vem a questionar este fato de maneira aberta<sup>4</sup>. Sua principal discussão com esta teoria se refere à elaboração da tríade do simbólico, do imaginário e do real. Segundo Butler, ao definir o simbólico a partir de uma lei paterna que é instauradora do social, ao mesmo tempo que dele independente, Lacan formalizou e procurou cristalizar como universais uma série de leis históricas que não poderiam ser compreendidas para além de seu momento presente (ver, dentre outros, os textos de Butler de 2002 e 2005)<sup>5</sup>. Ela demanda, assim, uma ‘socialização’ do simbólico (o que significaria, sem sombra de dúvidas, uma mudança radical de terminologia). Trata-se não de negar o fato de que as psiques dos indivíduos que vivem este período das sociedades ocidentais estejam marcadas por algo que possa ser designado pela “lei paterna” lacaniana, mas sim de compreender que esta lei, ou o conjunto de normas discursivas que conformam o aspecto de uma lei, respondem a um determinado período sócio-histórico que é contingente e generalizável apenas com uma série de ressalvas.

Um segundo aspecto da teoria psicanalítica sobre o qual Butler levantou suas críticas com frequência é aos pressupostos heterossexuais (por exemplo, 2001a e 2005). A própria teoria da bissexualidade requer, para Butler, uma ingenuidade alarmante, pois não há nada que nos permita denominar como feminino o desejo relativo ao objeto masculino, nem de masculino o desejo relativo ao objeto feminino (2005) e muito menos a uma concepção de bissexualidade a coexistência de ambos desejos em um só indivíduo. Lacan teria tomado esta concepção de heterossexualidade de maneira inadvertida e o cruzamento de sua análise do mito do Édipo e da teoria da castração à estrutura de parentesco de Lévi-Strauss foi possível justamente pela exclusão, em ambas as teorias,

---

<sup>4</sup> Butler faz notar o que a legitimidade atual da teoria lacaniana chega em determinados casos ao absurdo lógico, como por exemplo na pretensão de Laclau e Zizek de manter uma terminologia ligada ao falo lacaniano, sem no entanto participarem da ordem falocêntrica (Butler, 2003).

<sup>5</sup> É importante lembrar que não é Butler quem inicia a crítica ao a-historicismo psicanalítico, lacaniano em particular. Há já uma vasta bibliografia feminista ao respeito.

dos laços afetivos e sexuais (logo também de parentesco) entre indivíduos de um mesmo sexo. Desta maneira, a crítica antropológica recente à teoria do parentesco levi-straussiana, que enfatiza as imprecisões e omissões do estruturalismo antropológico, é trazida com frequência por Butler (ver, dentre outros, 2001a: 47-78, ou 2006: 149-188) para discutir os pressupostos sobre a castração e o mito de Édipo lacanianos.

#### **4. A concepção de um sujeito freudo-foucaultiano**

Agora bem, todo este debate com a psicanálise não seria levado a cabo por Butler se esta disciplina não fosse essencial à sua concepção teórica e política. Como já disse antes através das palavras de Derrida, é uma “lição extraída da história das ciências” a de que as teorias se mantêm através de reformulações sobre sua própria terminologia.

Para Butler, a psicanálise “constitui a melhor descrição do psiquismo – e do assujeitamento psíquico – que nós dispomos. Eu não acho que seja possível dar conta da formação da sexualidade sem a psicanálise” (2005). Mas, por que esta imprescindibilidade da psicanálise? Qual a razão para ela ter um olhar privilegiado sobre o assujeitamento psíquico e a sexualidade? Stuart Hall o explicita bem:

Nunca foi suficiente (...) ter simplesmente uma teoria de como os indivíduos são convocados a ocupar seus lugares por meio de estruturas discursivas. Foi, sempre, necessário ter também uma teorização de como os sujeitos são constituídos (...) precisamos de uma teoria que descreva quais são os mecanismos pelos quais os indivíduos considerados como sujeitos se identificam (ou não se identificam) com as “posições” para as quais são convocados; que descreva de que forma eles moldam, estilizam, produzem e “exercem” essas posições; que explique por que eles não o fazem completamente, de uma só vez e por todo o tempo, e por que alguns nunca o fazem (2000)

A psicanálise seria, pelo fato de deter-se sobre o inconsciente, a teoria que melhor conceitualiza esta maneira em que os sujeitos se identificam, ou não, com as posições para as quais são convocados e de que maneira e até que ponto o fazem. Entretanto, aceitar a concepção do sujeito como sendo formada essencialmente pelo inconsciente não nos obriga a aceitar todos os pressupostos psicanalíticos, sendo em especial necessário para Butler que nos livremos das concepções a-sociais do simbólico que supõem a imposição da ordem psíquica sobre a social. Para ela não haveria demandas psíquicas ou mesmo pulsões biológicas pré-sociais, que flutuassem independentemente dos objetos aos quais irão se dirigir. Cada pulsão é um vínculo ‘despertado’ em relação com um determinado objeto exterior, social, de maneira que mesmo as manifestações corporais mais básicas são, por princípio, inseparáveis do social (2001b: 116).

É aqui que as noções foucaultianas relativas às redes discursivas normatizadoras são resgatadas por Butler, ainda que é provável que o próprio Foucault viesse a impugnar o seu uso em conjunto com a teoria psicanalítica. Para Butler, a noção de inconsciente não poderia ter um caráter a-social, mas apenas poderia estabelecer-se através de vínculos, os quais são compreendidos a partir de relações com os ideais regulatórios. No processo de subjetivação, o sujeito é pressionado por normas discursivas que o impelem a acatar determinados ideais regulatórios. No entanto, Foucault compreende que estas normas discursivas são frequentemente contraditórias, de maneira tal que o sujeito responde a diferentes ideais, os quais, em confronto entre si, permitem uma autonomia relativa do sujeito, um processo reflexivo por parte deste. Por outro lado – e este é talvez o maior interesse de Butler – as normas também despertam no sujeito uma resistência, imprimindo sobre ele um desejo de subversão da norma. Estas resistências, acredita Butler, estão ligadas principalmente ao inconsciente (2001b: 114-115, 2002); no entanto, como bem o lembra Hall, Foucault via a psicanálise como sendo “simplesmente mais uma rede de relações disciplinares de poder”, de maneira que não lhe foi possível “admitir o inconsciente” (ibid., p 128). Para Hall, o grande mérito de Butler teria sido, então, o de resgatar para a teoria foucaultiana o inconsciente, negando que este viria a ser uma demanda do indivíduo ao social, mas um resultado das próprias normas discursivas. Assim, para ela: “assumir um sexo é uma questão de identificação com os meios

discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações” (Butler, apud Hall, *ibid*, p. 128).

Desta maneira, a bissexualidade freudiana aparece, para Butler, como o resultado de discursos sociais que instituem noções tais como “masculino”, “feminino”, “heterossexualidade” ou “homossexualidade” e que demandam dos indivíduos determinadas identificações, as quais, no entanto, são frequentemente contraditórias e além do mais, carregam em si um potencial subversivo, dado despertarem uma carga erótica contrária. As configurações psíquicas e discursivas se pertencem e se transformam mutuamente, não havendo um limite determinável de quais formas irão tomar em um futuro. O mérito de Foucault teria sido o de perceber de que maneira as redes discursivas atuam sobre e nos sujeitos, enquanto a vantagem psicanalítica residiria em sua percepção aguda de como os sujeitos ficam marcados por estes discursos.

Finalizando este subtítulo, é necessário pensar que o posicionamento discursivo relativo ao gênero e ao sexo é apenas um entre outros. Como podemos perceber, por exemplo, a partir das obras de feministas não brancas como Anzaldúa ou Angela Davis<sup>6</sup>, a produção discursiva de âmbitos raciais, de classe ou étnicos – dentre muitos outros – se dá de maneira semelhante à produção do âmbito sexual exposto pela junção entre psicanálise e foucaultianismo descrita por Butler. Sempre há determinadas normas discursivas que pressionam os indivíduos subjetivando-os através de determinados ideais regulatórios, havendo sempre uma relativa autonomia e possibilidades de escape e de resistência. Se, sobre uma mulher branca e heterossexual, atua uma determinada rede discursiva que a oprime primordialmente enquanto mulher, para uma mulher negra as formas discursivas que ameaçam a viabilidade de sua vida podem ser outras.

## **5. Considerações finais**

---

<sup>6</sup> Ver Sáez, 2005.

Se nossos desejos são por reconhecimento e se o reconhecimento se articula a partir de redes discursivas que privilegiam determinadas maneiras de ser humano excluindo outras e causando assim danos concretos a determinados sujeitos que podem inclusive serem privados de sua existência, como podemos conceber uma forma menos violenta ou opressiva, que expanda o “campo de possibilidades para a vida corpórea”?

Seguindo o processo dialético hegeliano tal como colocado por Butler, não há um caminho seguro, pois é inerente a este processo se expor a um perigo de desintegração. No entanto, a compreensão e o aceite deste perigo e da fragilidade que nos é inerente, supõe uma vantagem tanto política como epistemológica. Se nossa própria existência parece configurar-se como frágil e pendente de um reconhecimento a nos ser outorgado por outrem que nos é externo, a possibilidade de acolher este outro em lugar de rivalizar com ele nos permite pensar um processo de constituição menos ameaçador.

### **Referências bibliográficas**

- BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo*, *Pagu*, 11, 1998.
- \_\_\_\_\_. *El grito de Antígona*. Barcelona: El Roure Editorial, 2001a.
- \_\_\_\_\_. *Mecanismos psíquicos del poder – teorías sobre la sujeción*. Ediciones Cátedra. Madrid. 2001b.
- \_\_\_\_\_. *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Universalidades en competencia*. In: BUTLER, J. LACLAU, E. ZIZEK, S. **Contingencia, hegemonía, universalidad. Diálogos contemporáneos en la izquierda**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Le genre comme performance*. In: *Humain, inhumain. Le travail critique des normes*. Entretiens. Éditions Amsterdam, 2005
- \_\_\_\_\_. *Deshacer el género*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Vida precaria*. Buenos Aires: Paidós, 2006b

DERRIDA, J. & ROUDINESCO, E. *Y mañana qué...* Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 2003.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade*. In: HALL, S. SILVA, T. T. WOODWARD, K. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

LYOTARD, J-F. *The other's Rights*. In: SHUTE, S. & HURLEY, S. (ed.). **On human rights. The Oxford Lectures**. New York, Basic Books. 1993.

PRINS, B., MEIJER, I.C. (2002) *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. In: **Revista Estudos Feministas**, vol.10, no.1, Florianópolis, pg 155-167.

SÁENZ, J. *El contexto sociopolítico de surgimiento de la teoría queer. De la crisis del sida a Foucault*. In: CORDOBA, D., SAÉZ, J. VIDARTE, P. **Teoría queer. Políticas bolleras, marcias, trans, mestizas**. Madrid: Editorial Egales, 2005

SALIH, S. *Judith Butler*. Routledge: New York, 2002.